

COMBATE ÀS IDEOLOGIAS RACIAIS PROPAGADAS A PARTIR DAS TEORIAS DARWINIANAS: Olhar para prática de ensino de ciências de ontem e hoje

Edilma Basilio da Silva¹

Jéssica Girlaine Guimarães Leal²

Resumo

Este trabalho apresenta parte das inquietações oriundas das discussões no Programa de Pós Graduação *latu sensu* desenvolvido na Universidade Federal de Campina Grande e a intersecção com as atividades docentes desenvolvidas. É notório que a sociedade vem passando por várias modificações sociais, principalmente no campus discursivo, tornando-se necessário uma busca maior pela reflexão sobre fala, conceitos e comportamentos naturalizados, mas que traduzem e enfatizam em seu bojo o preconceito e a exclusão nas múltiplas esferas. Dentre as várias discussões, a que mais torna-se incomoda refere-se às teorias raciais, preconizadas e incorporada por ideologia popular e das elites ao longo do tempo, as quais atribuímos o mérito às teorias darwinistas. Darwin, foi e ainda é considerado um dos mais renomados teóricos no que se refere as explicações sobre a origem da vida e sua diversidade, suas conclusões têm sido amplamente difundidas e inseridos em livros didáticos de Ciências e de Biologia, no entanto, no ensino dessas disciplinas, observa-se que alguns postulados de sua teoria deveriam ter um olhar mais pormenorizado por parte dos docentes para questões que enfatizam o racismo e a depreciação de seres humanos, fatos que ocorreram por muito tempo, por meio da utilização de alguns conceitos de Darwin para justificar abordagens preconceituosas. Neste ínterim, este trabalho emerge tendo como objetivo propor uma reflexão sobre o surgimento das ideologias raciais e como o ensino de ciências e Biologia podem ser relevantes para desconstruir ideologias e crenças equivocadas. Para tanto, recorre-se-a a pesquisa bibliográfica, utilizando teóricos como Cortez (2005), Bolsanello (1996), Freire (1996), Munanga (2003). É necessário e urgente o combate às práticas racistas, que por muitas vezes são negadas e nesse sentido as aulas de ciências podem ser de grande relevância.

Palavras-chave: Educação, Darwinismo, Racismo, Ensino de ciências, Formação docente.

Introdução

Este trabalho parte de inquietações oriundas de discussões acerca de temas voltados ao racismo, sua construção, consequências e meios de combatê-lo, tais temáticas abordadas no Programa de Pós Graduação *latu sensu* em Educação para as Relações Étnico-raciais desenvolvido na Universidade Federal de Campina Grande no ano de (2016) e a intersecção

¹Especialista em Educação Ambiental pelo Instituto de Educação Superior da Paraíba. Professora da educação básica da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental II Maria Veríssimo de Sousa no município de Caturité – PB – edilmabsilva123@hotmail.com

²Doutoranda do Curso de Ciências da Linguagem do Programa de Pós Graduação da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES. Professora na Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA - jessica.leal@ufersa.edu.br

com as atividades docentes desenvolvidas. Diante dos conteúdos abordados e das reflexões propostas no decorrer do curso, em especial as questões que fundamentam as ideologias racistas, um fato que chama a atenção refere-se a declarações baseadas no senso comum tida como “pseudociências” e recortes de teorias para subsidiar suas crenças equivocadas, como por exemplo, as teorias evolucionistas do naturalista Darwin, como forma de justificar a depreciação humana e a classificação biológica e fenotípica para hierarquizar os seres humanos.

Mediante reflexões sobre o racismo tomado por base a ciência, ao qual poderíamos chamar de “racismo científico”, principalmente tendo como aporte teórico o uso indevido das teorias evolucionistas, que trata sobre a mutabilidade e variedade dentre os indivíduos de uma espécie, fator este no qual pressupõe-se existir também nas sociedades povos mais evoluídos em detrimento de outros, de forma que os mais evoluídos poderiam dominar sobre aqueles com características menos vantajosas, de acordo com o olhar e interesses das elites europeias. (MARTINS, 2015)

Diante do contexto apresentado torna-se pertinente uma análise mais profunda sobre os discursos que ecoam das teorias Darwinianas na construção de ideologias raciais, e, como as práticas de ensino de Ciências e de Biologia podem contribuir para a desconstrução dos ideários racistas que ainda são preconizados até os dias atuais na sociedade. Nesta perspectiva o professor pode atuar no sentido de ser o protagonista nas salas de aula, participando de forma ativa no combate a qualquer tipo de ideia que possa gerar uma ambiguidade no que se refere a questões evolutivas e depreciação ou hierarquização do ser humano devido às características, fisiológicas, morfológicas ou fenotípicas, usando para tal conceitos científicos atuais embasados por métodos e conclusões sérios, os quais desmistificam o conceito de raça humana.

Este trabalho tem como objetivo propor uma reflexão sobre o surgimento das ideologias raciais e como o ensino de Ciências e Biologia pode ser relevante para desconstruir tais concepções, e as distorções do trabalho de Darwin usadas para fomentar discursos de ódio e racismo, para tanto, se recorrerá à pesquisa bibliográfica.

Levando em consideração as abordagens contemporâneas em torno do combate ao racismo, essa pesquisa justifica-se por compreender que por meio da educação e do ensino existe um importante papel na formação das novas ideologias, tornando-se elemento chave na

construção de novas consciências, pois a mesma ciência que serviu de base para a construção do racismo, pode agora contribuir para sua desconstrução.

No decorrer deste trabalho será feito a princípio um breve histórico sobre Darwin, no qual será abordado um pouco sobre sua trajetória e as conclusões que o levaram a pensar sobre o processo de evolução dos seres e os processos de seleção natural. Posteriormente, discute-se sobre o “Darwinismo social X teorias raciais” este tópico trata sobre como as teorias Darwinianas de seleção natural foram utilizadas para justificar a formação social a partir de um olhar voltado para a classificação dos seres humanos em raças, dentre as quais haveria aqueles mais aptos e superiores e outros indivíduos inaptos ao ambiente, o Darwinismo social recorreu a várias áreas da ciência para buscar base para suas teorias. Dando sequência às reflexões propostas neste trabalho abordam ainda “A ciência como base para a Eugenia e o Racismo”, enfatiza-se as crenças e fatores como à evolução física, moral e intelectual das raças através da seleção natural e que, na luta pela sobrevivência grande parte dos seres humanos seriam menos valiosos, bem como estavam passíveis de desaparecer. Discute-se ainda sobre a importância de “O ensino de Ciências e Biologia no combate ao racismo”, tema que traz alguns avanços em relação ao combate ao racismo como, por exemplo, as Leis nº 10.639/2003 e a Lei nº 11.645/2008 as quais tratam da inclusão e valorização, reconhecimento das contribuições dos povos de matrizes africanas e indígenas na formação da sociedade brasileira, além de focar na importância do papel do professor como agente de combate ao racismo.

Metodologia

Quanto a natureza deste trabalho, trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, a qual considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não sendo necessário o uso de métodos e técnicas estatísticas. (KAUARK, 2010, pg.26)

Como procedimento técnico adotado para o desenvolvimento deste trabalho se fará uso da pesquisa bibliográfica, constituído principalmente de livros e artigos de periódicos. Como aporte teórico ancoramos em teóricos como KAUARK *et.al* (2010) Cortez (2005), Bolsanello (1996) que trata sobre o Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”: sua

repercussão na sociedade e na educação brasileira. Freitas (2009), contribui nessa discussão teórica por meio da temática que aborda o Determinismo Biológico do século XIX, e o Genético do Século XX. Munanga (2003), apresenta uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia. SOUSA (2008), O autor disserta sobre “Agassiz e Gobineau – as Ciências contra o Brasil Mestiço”, o trabalho trata da visita dos dois personagens ao Império brasileiro na segunda metade do século XIX, e que ambos produziram um mau prognóstico acerca da nação, baseados em crenças raciais que permeavam as ciências da época.

Breve histórico sobre Darwin

Charles Robert Darwin, conhecido como um dos maiores naturalistas de todos os tempos, já considerado assim em seu tempo, nasceu em 12 de fevereiro de 1809 e, é até hoje associado ao surgimento da teoria da evolução. Uma das personalidades mais importantes na história da Biologia, seu best-seller a “origem das espécies” lançado em 24 de novembro de 1854, vendeu seus 1.250 exemplares no dia que fora lançado, sendo traduzido para mais de 30 idiomas, contando 6 edições publicadas em sua vida.

A formação de Darwin teve influência do ambiente no qual cresceu, pois era filho de um notável médico Robert Waring Darwin é neto do eminente botânico Erasmus Darwin, estudou várias disciplinas como geologia, zoologia e botânica, sendo que logo se desinteressou pelos estudos que cursava. O que ele não sabia era que tudo mudaria em sua vida quando aceitou o convite para embarcar no navio Beagle, que pretendia dar à volta ao mundo com objetivos cartográficos. A viagem teve duração de 5 anos (1831-1836), a partir do contato com a diversidade de fauna e flora que encontrou em suas viagens, tornou-se um trabalhador zeloso nas suas pesquisas, mandando a sua pátria várias notas e exemplares de rochas, plantas e animais de diversos lugares onde esteve. Após o término de suas viagens, ele levou 20 anos para coordenar os dados coletados (CORTEZ, 2005).

Consoante a CORTEZ (2005), foi um ano antes do fim de sua viagem que Darwin começou suas arguições sobre a origem das espécies, quando visitou as Ilhas de Galápagos, ficou intrigado ao observar o arquipélago, pois as ilhas ficavam dezenas de quilômetros de distância uma das outras, no entanto, os pássaros, tartarugas, lagartos e plantas presentes em cada uma delas eram semelhantes entre si, porém com pequenas diferenças. “Como teriam se

dado essas transformações e quais seriam suas causas? Foi o que Darwin se perguntou insistentemente, com o espírito perturbado, durante os anos que se seguiam”. Darwin, intrigado com suas descobertas, inspirou-se também em outro estudioso de sua época o sociólogo reverendo Thomas Robert Malthus (1766-1834), com seu livro “*Um ensaio sobre o princípio da população*” (1798)”, o levou a teoria da seleção natural. Faleceu em 19 de Abril de 1882, já debilitado e sofrendo com doenças tropicais contraídas em suas viagens.

Darwinismo social X teorias raciais

O Darwinismo social parte das ideias que se tinha da seleção natural proposta por Darwin, ele pensando diferentemente do Zoólogo francês Jean-Baptiste de Lamarck (1744-1829), imaginou que a transformação das espécies não resultava de esforços ativos das espécies com o objetivo de se adaptar, mas que, em meio às diferenças existente entre as espécies, só aquelas que apresentavam melhores características para determinado ambiente sobreviviam, ou seja, o ambiente seleciona os mais aptos e fortes, enquanto os desprovidos de tais características são eliminados de forma natural.

As teorias Darwinianas, por exemplo, foram utilizadas em grande escala, pelos mais diversos meios do conhecimento, na busca da compreensão do ser humano e suas relações sociais. O filósofo Aristóteles (384-322 a.C.), afirmava o “estado de guerra entre os animais, que se sustentam com o mesmo alimento, lutando pela própria subsistência”. Quanto à predominância dos mais aptos, evidenciou-se os aspectos daqueles considerados superiormente dotados do ponto de vista da inteligência, aspecto esse, objeto de estudo da Psicologia a partir de 1900.

O darwinismo influenciou na formação das sociedades, criando uma ideologia que movimentava a política, a economia, a religião, a educação e as relações de poder que tramitam nessas esferas. Ao considerar que a seleção natural de Darwin se aplica aos seres humanos torna, de certa forma, necessário a fragmentação social, a separação que ocorre de acordo com as características físicas, intelectuais e poder aquisitivo. Neste processo, os seres humanos são considerados por natureza, desiguais, dotados de várias aptidões, algumas superiores, outras inferiores, dado que, a vida em sociedade é uma luta na qual é natural que o mais forte vença, ou seja, tenha acesso às riquezas, ao poder político e econômico. Herbert Spencer (1820-1903), mentor de Darwin e defensor da idéia da seleção natural entre a espécie humana, chega a dizer que “*o processo natural biossociológica das elites era prejudicado pelo Estado,*

através de medidas sociais de ajuda aos pobres”. E ainda cogitava que levando em consideração a teoria científica da seleção natural, propõe que os inferiores, ou menos aptos, deveriam morrer mais cedo, deixando assim menos descendentes, ideias corroboraram para os ideais eugenistas (BOLSANELLO, 1996).

Em meio a estes discursos, o termo *raça* só surge no século XIX, utilizado para designar o pensamento de diferenças físicas transmitidas de forma hereditária. No século XVIII as diferenças de cunho biológico não eram colocadas como determinantes do grau evolutivo da espécie humana. De acordo com Martins (2015), é por meio dos pensamentos sobre a evolução que a existência das diferenças passa a ser algo aceitável, neste momento, os monogenistas, permanecem apoiando-se em fatores climáticos, culturais e geográficos, para explicarem tais diferenças. Dentro dessa perspectiva abordaremos a seguir, como essa estrutura ideológica contribuiu para formação do processo de Eugenia e Racismo, tendo como base a ciência.

A ciência como base para a Eugenia e o Racismo

A eugenia foi sem dúvida um dos principais marcos para consolidação do racismo na ideologia social, nasceu na Inglaterra, prosperou muito nos EUA, entretanto, seu ponto alto foi na Alemanha nazista. Por meio das ideias propostas por Darwin da seleção natural em *Origem das espécies* (1859), vários pensadores se apoiaram nessas teorias para criar um novo pensamento, dando assim, origem ao darwinismo social. Partindo do princípio da evolução biológica, começa-se a supor que os indivíduos fracos, débil, aleijados, deficientes mentais e, por conseguinte, negros, dentre várias outras características, além dos criminosos, não deveriam reproduzir e propagar seu gênero. Desta forma, esses membros da sociedade deveriam ser impedidos de se casarem livremente, para livrar as raças superiores de má influência, enquanto que, por outro lado, a união de pessoas fortes, sábias e normalmente superiores deveria ser incentivada, evitando assim, a miscigenação com as raças inferiores. Fazia parte das crenças de Darwin a evolução física, moral e intelectual das raças através da seleção natural e que, na luta pela sobrevivência grande parte dos seres humanos, não apenas eram menos valiosos, como estavam destinados a desaparecer. Esse pensamento desencadeou uma ideologia nova que propunha o melhoramento humano por meio da ciência. Francis J. Galton (1822-1911) era o nome por trás de tal ideologia, que não por coincidência era parente de Darwin, estando o mesmo ligado ao surgimento dos estudos da genética humana e eugenia.

A eugenia (bem nascer) ganhou força devido ao medo por parte das elites da degeneração biológica, esse processo gerou a proibição de uniões indesejadas e a promoção de bem-nascidos. Desse processo adveio a divisão da eugenia em positiva e negativa, a primeira busca aprimorar a raça humana por seleção individual através de casamentos, já a segunda prega que, só ocorre a melhoria genética das raças, eliminando aqueles indivíduos considerados geneticamente inferiores, impedindo que os mesmos se reproduzam. Devido ao fato de a eugenia positiva não ter sido bem sucedida, a maior parte dos eugenistas acabaram adotando a eugenia negativa. Os principais métodos utilizados por esse segmento foram a esterilização compulsória, isolamento para com transtornos mentais, restrição de casamentos entre negros e brancos, além da morte de muitos, o auge da eugenia ocorreu por inspirar Adolf Hitler na busca da supremacia racial.

Tomando como referência Bolsanello (1996), é possível entender que no Brasil a influência do darwinismo social, da eugenia e do racismo científico também foram marcantes, em especial a partir do momento no qual negros escravos começaram a adentrar no cenário social brasileiro. A partir de “1532” começa a entrar no país um novo grupo de indivíduos, ou seja, uma nova raça: os negros, já estigmatizados como inferiores e na condição de escravos. Neste momento, o Brasil já contava com a presença dos índios, os quais estavam aqui muito antes da chegada dos europeus. Neste cenário, agora havia os Europeus, os jesuítas, índios e os negros, até certo ponto os índios contavam com as ordens religiosas para os “defender”, na verdade o objetivo dos jesuítas era de catequisar os índios, ensinando-os costumes ocidentais e manipulá-los por meios de doutrinas religiosas, o que os levariam de certa forma a um meio de subserviência, ou seja, havia diversos interesses envolvidos nos ditos cuidados para com indígenas, inclusive de evitar conflitos com estes, uma vez que esse povo não se dava facilmente a submissão por outros povos. Diferentemente dos índios que recebia de certa maneira o mínimo de tratamento humano, aos negros só restavam o trabalho nas mais diversas atividades e tratamentos desumanos.

Em meio a essa nova configuração social, formada por uma diversidade poligênica, se formou uma dicotomia entre brancos e pretos, onde para os negros se destinavam todas atividades laborais insalubres e os tratamentos mais desumanos, nos mais diversos aspectos, como, por exemplo, condições de habitação, saúde e trabalho que neste sentido eram as piores possíveis. Enquanto isso, para os brancos eram destinados o comando, justificado por ideologias criadas ao longo do tempo e que sustentam a discriminação, o racismo, o

preconceito e o poder de uma classe de indivíduos sobre a outra, o que de certa forma ainda acontece, assim, em meio a esse contexto, são atribuídos ao homem branco os aspectos de puro, sábio e “superior, destinados por natureza ao poder, o comando das propriedades, os trabalhos liberais, o clero, as armas, a política, a economia e o comércio.

Após o período abolicionista brasileiro emergiram na sociedade novos grupos de indivíduos, formando por uma população preponderantemente de mestiços (sobretudo mulatos) constituindo uma diversidade composta de negros, mulatos forros ou fugidos e índios, estes por não terem ocupação certa foram considerados socialmente “indefinidos”. A maioria destes ocupavam as camadas mais pobres da sociedade, vivendo em estado de miséria, expostos à vulnerabilidade sanitária e susceptíveis a diversas doenças e penúria. (BOLSANELLO, 1996, p. 156)

Levando em conta as novas características sociais brasileiras, o país também aderiu a tendência mundial e faz adesão às teorias darwinianas, eugênicas e racistas, uma vez que acreditava-se que o Brasil não estaria atingindo o desenvolvimento adequado, devido às características de seu povo, que se tornaram preguiçosos, ociosos, pouco inteligentes e indisciplinados, devido a miscigenação e diversidade de seus habitantes, sendo estes aspectos considerados como fatores preponderantemente negativas às formas e estruturas sociais emergentes, considerando o clima quente, mistura com raças inferiores agentes atuantes na formação da nova teia social. Desse modo, as elites dominantes buscavam resolver o problema racial por meio do impedimento da reprodução entre pessoas de “raças” diferentes, já que os fatores climáticos não poderiam ser controlados. Portanto, a partir dessas ideias propiciou-se teorias como a eugenia que culminou no racismo, preconceito, exclusão e a fragmentação humana, além de reforçar a ideologia de “raça” na sociedade brasileira.

Com avanços sociais e as discussões acaloradas sobre o racismo que direcionam para mudança no paradigma teórico sobre diversidade étnica, somos confrontados com a seguinte questão: Temos uma raça/etnia superior? A seguir tentar-se-á responder a esse questionamento, na tentativa de compreender melhor o conceito etimológico do racismo, e como a ciência e a biologia podem contribuir para o debate em torno do combate ao racismo e suas práticas, as quais ainda são muito marcantes na contemporaneidade.

O ensino de Ciências e Biologia no combate ao racismo

Mesmo sabendo que a ideia de raça humana vem sendo desconstruído no decorrer do tempo, sabe-se que o racismo ainda se apresenta de forma muito forte na sociedade brasileira, podendo ser percebido por meio do “racismo estrutural”³. Um fato que faz parte da realidade social, no entanto a Biologia molecular juntamente com outros ramos da ciência vem derrubando por meio de diversos argumentos e comprovações científicas. Neste sentido é possível observar que várias áreas do conhecimento estão agindo de forma conjunta no combate ao racismo, ainda nesta conjectura pode-se verificar que as legislações que reconhecem a importância dessa luta e a deixa claro a relevância do processo educativo para nesse processo, como veremos a seguir.

A Lei Federal nº 10.639/2003 que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, pode ser considerado um exemplo de conquista dos movimentos em prol do reconhecimento do negro na construção da nação brasileira, porém ainda distante de ser efetivada de fato na prática, e isso por diversos fatores. No entanto, não é apenas o racismo direcionado aos povos afro-brasileiros que deve ser combatido, mas todo e qualquer tipo de racismo, já que, a prática deste promoveu muitas barbáries, até hoje, muitas pessoas sofrem por experimentar os frutos amargos de plantações que se enraizaram tão profundamente na construção ideológica e social. (BRASIL, 2004)

Da mesma forma que a legislação anterior a lei 11.645/2008 também busca a valorização [...] “*da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil*”.(BRASIL, 2008)

É pertinente compreender que não cabe apenas às áreas de Educação Artística, Literatura e História do Brasil a função de efetivar por meio da escola e da educação as temáticas e os trabalhos voltados a combater o racismo, o preconceito, a intolerância, enfim tudo que degrada e inferiorizar esse povo, desconstruir a história de desvalorização e negação dos afro-brasileiros e indígenas na formação e construção do Brasil. Também é notória a

³ Racismo estrutural refere-se à prática naturalização de ações, hábitos, situações, falas e pensamentos que já fazem parte da vida cotidiana do povo brasileiro, e que promovem, direta ou indiretamente, a segregação ou o preconceito racial, aspectos que se manifestam na cultura, política, economia, gerando desigualdades sociais no meio social. (SOUSA et al, 2023, pg.276)

importância no enfrentamento de tais questões, a exemplo da ciência, uma vez que a partir dos precursores desta surgiram as primeiras e permanentes provocações sobre o racismo.

O ensino de Ciências assim como o de biologia pode ser de grande valia para desconstruir os estigmas construídos por meio do racismo para diferenciar as pessoas através da depreciação de suas características físicas ou fenotípicas, da mesma forma, julgar a capacidade dos indivíduos baseando-se em tais caracteres ou no ambiente no qual eles vivem. A educação por meio da ciência pode conduzir os educandos a construção de uma formação crítica, consciente, de novas ideologias que se questionem sobre o porquê dos fatos, acontecimentos, analisando-os de forma crítica, e, não apenas aceitar o que lhes são impostos e transmitidos pelo sistema de forma passiva.

Um exemplo instigante de como o ensino de Ciências e Biologia podem atuar de forma concreta na desconstrução do racismo, é considerar que do ponto de vista biológico não existem raças humanas, o que existe de acordo com Freitas (2009), é apenas a “raça” humana. Pode-se colocar em questão durante as aulas que para justificar o domínio do ser humano sobre outro, por interesses econômicos, políticos, sociais e principalmente para justificar a expansão imperialista ocidental, recorreu-se assim a este termo antes usado para classificar animais domésticos, ou animais geneticamente modificados (subespécies), para classificar também o ser humano. (Freitas 2009 *apud* Carvalho 2006, p. 1).

No entanto, a cor da pele ou qualquer outra característica física não deveria ser considerada um fator de seleção, pois a cor da pele é definida pela concentração de melanina que pode ser maior ou menor dependendo da variação de ambiente, mas independentemente da quantidade, esta proteína está presente em todos os seres humanos para garantir a coloração da pele e evita danos da radiação ultravioleta no DNA. A melanina define além da cor da pele, a cor dos olhos e do cabelo, podendo ser considerado um critério de seleção relativamente artificial, já que sua quantidade no indivíduo depende do meio que ele vive, manifestando-se como um meio de resistência e autodefesa e de todo o patrimônio genético de um sujeito apenas 1% implicará na transmissão de tais características. Além deste, outros critérios de seleção foram acrescentados no século XIX: forma do nariz, dos lábios, do queixo, forma do crânio e ângulo facial, dentre outros. Para Munanga (2003, p. 4) [...] combinando todos esses desencontros com os progressos realizados na própria ciência biológica (genética humana, biologia molecular, bioquímica), os estudiosos desse campo de conhecimento chegaram à conclusão de que a raça não é uma realidade biológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao desenvolver esta pesquisa, a qual ocorreu por meio de aporte bibliográfico, pode observar-se a constatação de que a ideologia racista não surgiu por acaso, e sim, de ideais elitistas e eurocêntricos que buscavam o domínio sobre povos considerados inferiores e que estavam naturalmente destinados a subserviência, e, para tanto fundamentaram-se numa pseudo ciências, em especial no conceito de raça e a diversidade fenotípica dos indivíduos para a prática do domínio e escravidão de outros povos/etnias. Desta forma fica nítida a influência da Ciência e da Biologia na criação do conceito de racismo, assim como suas consequências, no entanto também ficou claro que estas áreas do conhecimento, ao longo do tempo, vêm mostrando fatos evidentes e cientificamente comprovados que o racismo humano não existe, sendo uma criação social e que partiu de proposituras científicas nunca comprovados.

Sabendo que em grande parte as teorias raciais ganharam força mediante a utilização dos estudos das áreas das ciências, cabe a mesma contribuir da melhor forma para desconstruir as ideologias racistas, isso pode ocorrer por meio da educação, como por exemplo, nas aulas de ciência e biologia. Ao trabalhar as temáticas relacionadas às teorias darwinistas, o professor pode trabalhar temáticas voltadas para questões raciais, e promovendo discussões acerca deste tema, introduzindo novos saberes, provocando os educandos a pensar que de forma crítica sobre as relevâncias dos trabalhos de Darwin para a promoção do racismo que todos ouvem tanto falar. Ainda cabe salientar como os estudos da Biologia Molecular, da Genética, da Química trouxeram diversas contribuições para a compreensão sobre as diferenças entre os seres humanos, o correto entendimento do processo de seleção natural e adaptação propicia ao educando e a sociedade de forma geral explicações plausíveis sobre as diferenças morfológicas e fisiológicas, assim como as características fenotípicas.

Com este trabalho almejamos discutir brevemente sobre a temática, mas compreendemos que essa pesquisa não propõe esgotar as discussões ao qual direcionamos que carece maior aprofundamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

BOLSANELLO. M. A. Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”: sua repercussão na sociedade e na educação brasileira. *Educar*, Curitiba, n. 12, p. 153-165. 1996. Editora da

UFPR. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/er/n12/n12a14.pdf> > acesso em 16 Março de 2024.

BRASIL. [Lei nº 10.639, de 9 DE Janeiro de 2003](#). Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm > acesso em 17 Março de 2024.

BRASIL, Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm > acesso em 16 de Fevereiro de 2014.

BRUSSIO. J. C.; SOUSA. J. A. **Racismo estrutural no Brasil**: a luta por uma sensibilidade do mundo decolonial. Universidade Federal do Maranhão - Brasil. ODEERE ISSN 2525-4715 Vol 8, Nº 1, 2023, 264-284 DOI: 10.22481/odeere.v8i1.11658. Disponível em < <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/11658/7486> > acesso em 10 de Fevereiro de 2024.

CORTEZ. F. C. O Darwinismo social na influencia da eficácia dos direitos e garantias fundamentais, 2005. 46 f. Monografia (Pós-Graduação de Direito Constitucional) – Universidade de Sorocaba. Uniso/Esdc, Sorocaba, 2005. Disponível em: < http://www.integrawebsites.com.br/versao_1/arquivos/d112ab4809087e6f9d828f2c8117b38d.pdf > Acesso em: 20 Janeiro de 2024.

FREIRE. P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. - Coleção Leitura - Disponível em: < http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/4%20Freire_P_%20Pedagogia%20da%20autonomia.pdf > Acesso em: 25 Fevereiro de 2024.

FREITAS. U. F. O Determinismo Biológico do século XIX, e o Genético do Século XX. Revista África e Africanidades – Ano 2 - n. 5, Maio. 2009. Disponível em: < http://www.africaeafricanidades.com.br/documentos/O_Determinismo_Biologico_do_seculo_XIX.pdf > Acesso em: 22 de Março de 2024.

KAUARK. F. S.; MANHÃES.; F. C. MEDEIROS. C. H. **Metodologia da pesquisa**: guia prático. – Itabuna: Via Litterarum, 2010.

MARTINS. T. J. Relações raciais: uma reflexão sobre a construção das teorias racialistas e ideologias raciais no Brasil. Revista África e Africanidades – Ano 6 – n. 18, Jan. 2015. Disponível em: < <http://www.africaeafricanidades.com.br/documentos/01jan2015.pdf> > Acesso em 10 Janeiro de 2024.

MUNANGA. K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03. Disponível em: < <http://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf> > Acesso em: 18 de março de 2024.

SOUSA. R. A. S. Agassiz e Gobineau: as Ciências contra o Brasil Mestiço. (Dissertação de mestrado em Historia das Ciências e da Saúde). Casa Oswaldo Cruz – FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: < <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/24001> > Acesso em: 10 Janeiro de 2024.